



ITINERÁRIO DE UMA PESQUISA EM EDUCAÇÃO: REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS NO USO DA HISTÓRIA ORAL

Rose Méri Nietto¹

Giani Rabelo²

RESUMO

Neste artigo, discorremos sobre o uso da história oral como metodologia de pesquisa na área da educação, a partir de um estudo acerca do processo de formação política de esquerda de Marlene Soccas, que iniciou sua militância no período da Ditadura Civil-Militar no Brasil e continua militando até a atualidade. Para tanto, tecemos algumas considerações teórico-metodológicas sobre a história oral, descrevemos o processo das entrevistas e procuramos refletir a respeito de algumas implicações éticas inerentes a uma investigação no campo qualitativo.

Palavras-chave: História oral; Memória; Educação; Marlene Soccas.

ITINERARY OF A RESEARCH IN THE AREA OF EDUCATION: THEORETICAL-METHODOLOGICAL REFLECTIONS ON THE USE OF ORAL HISTORY

ABSTRACT

In this article, we discussed the use of oral history as a research methodology in the area of education, based on a study about the left-wing political formation process of Marlene Soccas, who began his militancy during the Civil-Military Dictatorship period in the Brazil and continues to militate to this day. To this end, we made some theoretical-methodological considerations about oral history, described the interview process and reflected some ethical implications inherent to an investigation in the qualitative field.

Keywords: Oral history; Memory; Education; Marlene Soccas.

ITINERARIO DE UNA PESQUISA EN EDUCACIÓN: REFLEXIONES TEÓRICO-METODOLÓGICAS EN EL USO DE LA HISTORIA ORAL

RESUMEN

En este artículo, discurremos sobre el uso de la historia oral como metodología de pesquisa en el área de educación, a partir de un estudio acerca del proceso de formación política de izquierda de Marlene Soccas, que inició su militancia en el período de la Dictadura Civil-Militar en Brasil y continúa militando

¹ Mestrado em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense, Brasil (2019). Assistente em Administração do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, Brasil. E-mail: <mmerinietto@gmail.com>. ORCID ID.: <http://orcid.org/0000-0002-8749-2786>.

² Pós-doutorado na Universidade de Lisboa (Instituto de Educação) e Universidade do Estado de Santa Catarina (Faculdade de Educação); Professora Visitante na Universidade de Alicante - Espanha (Instituto Universitário de Estudos Sociais da América Latina) Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2008); Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (1997); Especialista em Serviço Social (1992) pela Universidade Federal de Santa Catarina e Graduada em Serviço Social pela Fundação Educacional do Sul de Santa Catarina (1986). Professora titular da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), desde 1996. Professora permanente dos Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e Desenvolvimento Sócioeconômico (PPGDS) e professora do Curso de Pedagogia. E-mail: <gra@unescc.net>. ORCID ID.: <http://orcid.org/0000-0002-3304-8268>



hasta la actualidad. Por lo tanto, tejemos algunas consideraciones teórico-metodológicas sobre la historia oral, describimos el proceso de las entrevistas y procuramos reflexionar a respecto de algunas implicaciones éticas inherentes a una investigación en el campo cualitativo.

Palabras-clave: Historia oral; Memoria; Educación; Marlene Soccas.

Introdução

Este artigo é um recorte da Dissertação de Mestrado intitulada: “Memórias, identidades e o processo de formação política de Marlene Soccas: uma militante de esquerda em tempos de Ditadura-Civil Militar no Brasil (1960 -1970)”, desenvolvido na área da educação, cujo objetivo central foi compreender o processo de formação política de Marlene Soccas como militante de esquerda na resistência à Ditadura Civil-Militar no Brasil, no período elencado. No presente texto, expomos acerca do uso da história oral como metodologia de pesquisa na área da educação, a partir deste estudo. Para tanto, tecemos algumas considerações teórico-metodológicas sobre a história oral, descrevemos o processo das entrevistas e procuramos refletir a respeito de algumas implicações éticas inerentes a uma investigação no campo qualitativo.

A utilização da história oral, no Brasil, ganhou impulso na década de 1970, inserindo-se entre os diversos estudos do método qualitativo no campo das ciências humanas, dentre eles, na área da História da Educação. Embora não exista um consenso entre os pesquisadores acerca de sua concepção, seus usos, seus objetivos e procedimentos, a história oral se consolidou no meio científico, sendo compreendida como uma técnica, uma metodologia ou uma disciplina (AMADO, FERREIRA, 1996; MEIHY, 2005). Para Jose Carlos Sebe Bom Meihy (2005), há, no entanto, em comum entre os que dela se utilizam o reconhecimento da existência de alguns elementos, sem os quais a história oral não se constituiria, quais sejam: um projeto, um entrevistador, um entrevistado e um aparelho de gravação para mediar a entrevista.

No caso específico do estudo que deu origem a este artigo, a história oral foi utilizada como metodologia, cujos métodos e técnicas foram utilizados para alcançar as experiências vivenciadas por Marlene Soccas acerca de sua formação política como militante de esquerda.

A relevância deste debate para a História da Educação se dá no sentido de contribuir para o alargamento da compreensão das possibilidades do uso da história oral como um suporte metodológico nesse campo de estudo.

Uma breve narrativa sobre a trajetória de vida de Marlene Soccas

Marlene Soccas nasceu em Laguna (SC) no ano de 1934, onde viveu parte de sua infância. Na juventude, trabalhou na empresa dos Correios e Telégrafos e, concomitantemente, estudou Odontologia na Faculdade de Farmácia e Odontologia de Santa Catarina, na cidade de Florianópolis, tornando-se cirurgiã dentista no ano de 1955. Na década de 1960, residiu e atuou profissionalmente como dentista em Criciúma (SC).

No ano de 1966, Marlene Soccas foi para a cidade de São Paulo com o intuito de aperfeiçoar-se em sua profissão. Lá ela se aproximou de movimentos de resistência à Ditadura Civil-Militar, como a Ação Popular (AP), a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e a Rede Democrática (REDE) e, nesse período, iniciou a sua trajetória como militante de esquerda. Por causa de sua participação política, foi presa, torturada, sendo, posteriormente, condenada à prisão. Ela ficou encarcerada no presídio Tiradentes, na cidade de São Paulo, durante dois anos, entre maio de 1970 a julho de 1972.

Após sua saída da prisão, em 1972, Marlene Soccas voltou para Criciúma e inseriu-se em vários movimentos políticos em defesa da democracia e dos direitos humanos. A partir da década de 1980, participou da organização de partidos de esquerda nessa cidade e foi candidata a vários cargos políticos eletivos por alguns desses partidos. Ela escreveu dois livros intitulados “Como ele veio e ficou” e “Meu querido Paulo”, que versam sobre as suas experiências no período da Ditadura Civil-Militar no Brasil.

Ela se tornou uma referência em Santa Catarina e, até o ano de 2018, proferiu, com frequência, palestras em escolas e em universidades, bem como se manifestou muitas vezes em programas de rádio e em jornais do Estado acerca de suas experiências. Hoje escreve com regularidade nas redes sociais, como *facebook* e *whatsapp*, nas quais emite suas opiniões, fazendo análises sobre a política nacional e internacional e sobre a realidade brasileira atual. Aos 85 anos de idade, ela também dedica boa parte de seu tempo às atividades políticas no campo da esquerda, como manifestações públicas, reuniões etc.

Considerações sobre a história oral e a memória

A compreensão da categoria memória é imprescindível em um estudo que envolve a história oral. Para Luciane Sgarbi S. Grazziotin e Dóris Bittencourt Almeida (2012), existe uma proximidade entre história oral e memória, as quais, muitas vezes, podem ser confundidas na pesquisa. Segundo as autoras, “[...] a memória constitui-se em documento, e a história oral é a metodologia aplicada no intuito de operacionalizar o diálogo entre a teoria e dados empíricos, promovendo outras perspectivas de conhecimento do passado” (GRAZZIOTIN; ALMEIDA, 2012, p. 35). Conforme Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira (1996), na história oral, o objeto de estudo do historiador é recriado por meio da memória do entrevistado, sendo que a memória, necessariamente, norteia as reflexões históricas.

Para Grazziotin e Almeida (2012) é necessário levar em conta também o aspecto autobiográfico das narrativas orais advindas do trabalho com a memória. De acordo com as autoras, as narrativas orais são “[...] ao menos em parte autobiográfica, pois quando a pessoa evoca suas memórias, exercita uma tentativa de explicar o que pensa que foi, o que pensa que era, desenvolvendo, assim, a construção de uma verdade sobre si mesma” (GRAZZIOTIN; ALMEIDA, 2012, p. 38).

Na autobiografia, assim como na biografia, escolhemos os acontecimentos que queremos destacar, bem como os ordenamos em uma narrativa, sendo que a “[...] escolha e a classificação dos acontecimentos determinam o sentido que desejamos dar às nossas vidas” (ARTIÈRES, 1998, p. 11). Fazemos isso selecionando e classificando os eventos mais significativos de nosso percurso de vida. Assim também ocorre com a nossa memória. Conforme Ecléa Bosi (2004, p. 66), “[...] fica o que significa. E fica não do mesmo modo: às vezes quase intacto, às vezes profundamente alterado”.

Ao se realizar um trabalho com memórias, é importante ter presente esse aspecto de seletividade da memória, do qual, muitas vezes, o/a narrador/a não se dá conta. Para Janaína Amado (1996, p. 131), é necessário “[...] distinguir entre o vivido e o recordado, entre experiência e memória, entre o que se passou e o que se recorda daquilo que se passou”. O vivido diz respeito ao que aconteceu “[...] à ação, à concretude, às experiências de um indivíduo ou grupo social” (AMADO, 1996, p. 131). A “prática”, diz ela, “[...] constitui o substrato da memória; esta por meio de mecanismos variados, seleciona e reelabora componentes da experiência” (AMADO, 1996, p. 131).

Sendo o “vivido” diferente do “recordado”, no estudo realizado foi necessário atentarmos para as diferenças entre as experiências vivenciadas por Marlene Soccas e as lembradas por ela. Sendo assim, não foi possível “resgatar” o fato tal como ele aconteceu, pois a lembrança é uma imagem construída com as intermediações do presente. É a partir do nosso presente que retornamos ao nosso passado. Essa ideia é apontada por Bosi (2004, p. 55). Para ela,

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. [...]. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na nossa infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque a nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor.

Para Bosi (2004), memória e lembrança diferem entre si. A autora defende que a memória é “trabalho” e que ele opera sobre as lembranças e os esquecimentos. Segundo Maria Luiza Sandoval Schmidt e Miguel Mahfoud (1993, p. 189), embasados nas obras de Maurice Halbwachs, “[...] a memória é este trabalho de reconhecimento e reconstrução que atualiza os ‘quadros sociais’, nos quais as lembranças podem permanecer e, então, articular-se entre si”.

Levando em conta essas ideias, pensamos, assim como Bosi (2004, p. 37), que o mais relevante neste trabalho não foi a “veracidade do narrador”, ou melhor, da narradora Marlene Soccas. O “interesse está no que foi lembrado. No que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida” (BOSI, 2004, p. 37).

Tipos de história oral e os procedimentos adotados

Conforme Meihy (2005), existem tipos distintos de história oral, que são classificados em: história oral de vida, história oral temática e tradição oral. De acordo com o autor, a história oral de vida trata da narrativa relacionada ao conjunto da experiência de vida de uma pessoa. A história oral temática é aquela em que a entrevista se dá em torno de um assunto específico e previamente estabelecido. Por sua vez, a tradição oral tem como objetivo a reconstrução histórica de grupos que não possuem um sistema de escrita.

No caso do estudo em questão, foi utilizada a história oral temática, cujo enfoque foi dado à formação política de Marlene Soccas como militante de esquerda, no período de 1960 a 1970, levando-se em conta, no entanto, as suas experiências formativas a partir da infância, pois compreendemos, como António Nóvoa (2010), que o processo formativo das pessoas não está circunscrito apenas ao espaço escolar, mas acontece no decorrer de toda a vida e em todos os espaços.

Independentemente do tipo de história oral adotado pelo/a pesquisador/a, a entrevista por meio do testemunho oral é uma etapa imprescindível na pesquisa nessa modalidade. Amado e Ferreira (1996) e Meihy (2005) defendem que, devido à sua especificidade e, diferentemente de outros modos de coleta de depoimento, a entrevista nesse tipo de investigação deve estar sempre relacionada a um projeto de pesquisa e embasada em um roteiro criteriosamente preparado.

Além disso, na prática da entrevista, é necessário que o entrevistador saiba silenciar, tenha respeito, paciência e escuta sensível à fala do entrevistado, saiba intervir nos momentos adequados, saiba respeitar os silêncios, os esquecimentos e a evocação de suas lembranças dolorosas (BONAZZI, 1996).

Chantal de Tourtier Bonazzi (1996) propõe outros cuidados que devem ser observados pelo entrevistador relacionados à seleção da testemunha, o lugar da entrevista e o roteiro dela. No que diz respeito à seleção da testemunha, a autora aponta que, de maneira geral, deve-se priorizar a entrevista com pessoas mais idosas, considerando, nesse caso, os limites da testemunha, evitando fazer “[...] perguntas excessivamente meticulosas do ponto de vista cronológico” (BONAZZI, 1996, p. 233).

Quanto à forma, Bonazzi (1996) sugere a escolha pela entrevista dirigida, não dirigida ou semidirigida, tendo cada uma vantagens e desvantagens, dependendo do objetivo da pesquisa. Ela considera que a entrevista semidirigida é um meio-termo entre as outras duas, sendo, na maioria das vezes, a mais indicada na pesquisa em história oral. No que se refere à duração de uma entrevista, a autora sugere que deve ficar em torno de duas horas, uma vez que uma narrativa em profundidade exige concentração do entrevistado e uma forte tensão do entrevistador, pois este deve evitar distrações e formular as perguntas nos momentos adequados.

Entendemos que essas sugestões/orientações apresentadas por Bonazzi (1996) devem ser consideradas, no entanto, não devem ser vistas como regras inflexíveis e aplicadas

de forma descontextualizada. Conforme Alistair Thomson (2000, p. 48), “[...] não existe uma única ‘maneira certa’ de entrevistar, e a maneira que o ‘bom senso’ indica como ‘certa’ para entrevistas com membros da elite política branca do sexo masculino pode ser completamente inadequada em outros contextos culturais”.

Na pesquisa que realizamos, cujo projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa e Humanos (CEP) da UNESCO³, foi utilizada a modalidade de entrevista semiestruturada ou semidirigida, cujo roteiro continha 21 (vinte e uma) questões que foram utilizadas como eixos norteadores, sem fechá-las, as quais serviram de base para evocar as lembranças de Marlene Soccas acerca de suas memórias da infância, adolescência e juventude relacionadas à sua formação, bem como sobre o período de sua militância na resistência ao regime militar até a década de 1970.

A ideia inicial era realizar os encontros de acordo com as fases da vida de Marlene Soccas – infância, adolescência, juventude e vida adulta. As suas falas sobre os três primeiros períodos ficaram circunscritas, de modo geral, à primeira e à segunda entrevista. Nas seguintes, ela pouco se referiu a eles, centrando suas narrativas em torno das lembranças relacionadas, de alguma forma, à sua militância, embora não tenha se limitado a esse assunto. Procuramos respeitar o movimento de suas lembranças, tentando deslocá-las, quando possível, para as narrativas mais próximas do objeto de estudo, o que nem sempre foi possível. Realizamos 17 (dezesete) entrevistas, totalizando 30 horas e 22 minutos de gravação, no período de janeiro de 2017 a fevereiro de 2018, cujo processo exporemos mais adiante no texto.

Concomitantemente às entrevistas, foram realizadas as transcrições, as quais, para a maioria dos/as pesquisadores/as que utilizam a história oral, estão intimamente relacionadas à coleta do testemunho oral. Conforme André Castanheira Gattaz (1996, p. 136),

Assumindo que a história oral se concretiza somente quando chega ao texto, superando a etapa da entrevista e da formação de arquivos, deve haver um processo de transcrição das entrevistas que assegure a formação de um corpo documental a ser trabalhado pelo historiador.

Nesse sentido, o autor sugere que, primeiramente, seja feita a transcrição literal da entrevista e, após essa etapa, proceda-se à transcrição, que consiste na reformulação da

³ O projeto está cadastrado na Plataforma Brasil, sob o nº 85656818.0.0000.0119.

transcrição literal, a fim de torná-la compreensível para a leitura. Nesta pesquisa, as transcrições foram realizadas de forma literal, por uma terceira pessoa e, posteriormente, procedemos com “[...] a conferência da fidelidade da gravação” (ALBERTI, 2005, p. 3). Nessa etapa do processo, realizamos a “limpeza” textual, retirando alguns vícios de linguagem, como os “né”, “tá”, “tô”, “assim”, “tudo”, por exemplo. Também foram realizadas algumas adequações de concordância verbal e nominal da língua. Após a transcrição, os textos das entrevistas foram impressos em papel A4, contendo as perguntas e as respostas. Em seguida, eles foram submetidos à aprovação de Marlene Soccas, que teve total liberdade para interferir nas suas próprias falas.

Na etapa seguinte, realizamos correções solicitadas por ela, reimprimos as entrevistas e levamos-las novamente para a sua aprovação, solicitando que ela rubricasse todas as páginas e, ao final de cada uma delas, que assinasse o seu nome, colocando o local e a data. Esse cuidado, que a princípio parece exagerado, foi pensado para dar uma certa segurança a Marlene Soccas, e também às pesquisadoras, de que os conteúdos não seriam alterados, pois a narradora, no início da investigação, reportou-se mais de uma vez a situações em que ela havia concedido entrevistas a jornais e a rádios, cujos conteúdos publicados não corresponderam ao que ela havia narrado.

Importante registrar, também, que Marlene Soccas assinou um “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” (TCLE), que foi aprovado no projeto apresentado ao Comitê de Ética da UNESCO, já mencionado, e outro para cada entrevista realizada, cuja assinatura foi efetuada somente quando a versão final foi aprovada por ela. Nesses documentos, a entrevistada autorizou o uso de seu nome e a utilização das entrevistas transcritas tanto nesta pesquisa quanto em outras. No entanto, para resguardar o nome de outras pessoas citadas nas gravações, os áudios não foram/serão liberados para investigação, ficando de posse das pesquisadoras. Ela também foi informada sobre alguns riscos que podem advir da pesquisa, conforme consta em texto literal do TCLE, como “[...] a perda da confidencialidade dos dados, o risco de uso indevido das informações ou de implicações políticas e constrangimentos quanto a terceiros citados nas entrevistas”.

As etapas seguintes consistiram na tematização e na transcrição. Para realizar essas etapas, cada entrevista foi lida novamente, e em cada uma delas foram selecionados temas, como, por exemplo, infância, e os subtemas relacionadas ao período, tais como: escola, família, leituras realizadas, habilidades, brincadeiras, e assim por diante. Nesse momento,

construímos um texto “bruto” (GATTAZ, 1996) somente com as falas da entrevistada, e as nossas perguntas desapareceram. Após a tematização, procedemos com a transcrição, de forma que o texto “bruto”, após “lapidado” (GATTAZ, 1996), se transformasse em um texto de fácil compreensão e pudesse ser utilizado nas análises.

O processo das entrevistas

O contato inicial com Marlene Soccas se deu, primeiro, por telefone e, depois, pessoalmente, em sua residência, tendo como interlocutora principal uma amiga em comum. Essa ideia de marcar um encontro na presença de alguém do círculo de amizade dela foi pensada como uma estratégia para facilitar a construção de um vínculo entre a entrevistada e as pesquisadoras. Bonazzi (1996, p. 233) aponta que é imprescindível “criar uma relação de confiança” entre o pesquisador e o entrevistado, a qual exige daquele disponibilidade e tempo, sendo indispensável que o pesquisador tenha um primeiro encontro com o entrevistado, organize a entrevista e retorne em outro dia para realizar a gravação. No caso deste estudo, além dos vários encontros para a realização das entrevistas, foram realizados outros 15 (quinze), referentes aos retornos relativos às revisões e às assinaturas das entrevistas transcritas.

A abertura da entrevistada para a pesquisa não ocorreu de imediato, o que nos levou a refletir sobre a necessidade de se construir uma “relação de confiança” com a entrevistada, conforme apontado por Bonazzi (1996) anteriormente. Talvez essa “relação de confiança” tenha se construído aos poucos entre nós e Marlene Soccas à medida que ela foi percebendo que compartilhávamos algumas de suas ideias, que respeitávamos os seus posicionamentos políticos e que nos encontrávamos em alguns lugares comuns, por causa das devoluções das entrevistas transcritas – nas quais ela interferiu à vontade –, bem como por termos laços em comum com pessoas por quem ela demonstrou ter admiração e respeito.

No que tange ao local das entrevistas, todas foram realizadas na residência de Marlene Soccas. De acordo com Bonazzi (1996), na maioria das vezes, as entrevistas são realizadas no local de trabalho ou na residência do entrevistado, não havendo, no entanto, uma orientação em especial quanto ao lugar onde elas acontecem. A autora alerta, porém, que é preciso levar em conta que o local “condiciona o depoimento colhido” e é necessário

que se tenha consciência dessas interferências e considerá-las na análise (BONAZZI, 1996, p. 236).

Para Nadir Zago (2003), as entrevistas, por referirem-se a “uma relação interpessoal” e ocorrerem na residência dos pesquisados, possibilitam a obtenção de um material de observação bastante proveitoso. Segundo ela: “[...] o local é uma condição importante na produção dos dados, podendo facilitar ou produzir constrangimentos” (ZAGO, 2003, p. 299). Para a autora, uma das vantagens de se realizarem as entrevistas nos locais de moradia dos pesquisados “[...] é reduzir ao máximo as interferências exteriores na produção do discurso e, ao mesmo tempo, facilitar a conversação para que esta possa ocorrer mais livremente” (ZAGO, 2003, p. 299).

Como não tivemos a experiência de realizar entrevista em outro local, senão na residência de Marlene Soccas, o que pudemos perceber é que, mesmo tendo sido em sua casa, ocorreram algumas situações que interferiram de certa forma no desenrolar das entrevistas. Em uma ocasião, após o início da entrevista, Marlene Soccas recebeu a visita inesperada de alguns amigos. Com o consentimento dela, aguardamos o término da visita, que durou aproximadamente duas horas, e retomamos à entrevista. Outra situação foi o dia em que dois adolescentes, filho e filha de sua assistente do lar, estavam na sala no horário da entrevista e fizeram barulhos que interferiram na conversa e na gravação. Sugerimos para Marlene que solicitasse a eles, se fosse possível, para que se deslocassem para outro local da casa. Ela, um pouco constrangida, fez o que havíamos sugerido.

Talvez essas e outras interferências tenham dilatado um pouco o tempo das entrevistas e interferido no fluxo das lembranças de Marlene Soccas, mas entendemos que elas fazem parte, visto que optamos pela história oral, principalmente se considerarmos que foram vários encontros, 17 (dezessete) ao todo, como citamos anteriormente.

Para Bosi (2004, p. 39), “[...] a memória é um cabedal infinito, do qual só registramos um fragmento”. A autora cita que em seu trabalho de pesquisa com idosos geralmente as lembranças mais vívidas “afloravam” depois das entrevistas. Nas entrevistas que realizamos com Marlene Soccas, essa situação também ocorreu algumas vezes. Tanto antes, quando o gravador ainda não estava ligado, como depois, quando já estava desligado, ou seja, quando havíamos “terminado” a entrevista. Nesse momento, outras recordações de Marlene Soccas “afloraram”, muitas das quais não foram registradas, ou porque nós, como entrevistadoras, não conseguimos reter as informações, ou porque foram confidenciais.

Conforme Bosi, “[...] continuando a escutar ouviríamos outros tantos e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e precisaria de um escutador infinito” (BOSI, 2004, p. 39).

No que se refere à quantidade de entrevistas, foi prevista no projeto a realização de 8 (oito) encontros com Marlene Soccas. No entanto, foram realizadas 17 (dezessete) entrevistas, conforme já mencionado. Importante lembrar que o número de entrevistas de uma pesquisa qualitativa não deve ser analisado do ponto de vista quantitativo, mas se deve levar em conta “[...] os propósitos do estudo, de sua problemática e seus fundamentos” (ZAGO, 2003, p. 297). Portanto, a definição da quantidade de entrevistas está relacionada ao método escolhido, “e uma vez escolhido, deve-se entrar na sua lógica”, como assinala Zago (2003, p. 297).

Supomos que esse número considerável de entrevistas se deve, entre outras questões, à forma de rememoração de Marlene Soccas. Para chegar às questões propostas por nós, na maioria das vezes, ela buscou várias informações do passado, relacionando-as com outras do presente, perfazendo um longo caminho até chegar à pauta da entrevista. Por causa disso, em muitas entrevistas, não conseguimos abordar temáticas relacionadas à pesquisa, postergando-as para outro encontro. Pareceu-nos que Marlene Soccas, nesse processo, buscava nessas informações âncoras para as suas próprias lembranças que estavam sendo investigadas.

Outra questão que pode estar relacionada ao número de entrevistas realizadas é a forma de expressão de Marlene Soccas. Uma de suas características, e pela qual ela é conhecida, é a sua incansável vontade de falar, de narrar, de explicar tudo didaticamente. Por causa também dos conhecimentos acumulados durante a sua trajetória de vida, seja por sua vivência ou pelas tantas leituras que realizou, ela dificilmente respondeu a uma pergunta de forma mais objetiva. Importante ressaltar que a sua voz sempre foi suave, pausada, como se estivesse dando uma aula, querendo realmente fazer-se entender pelo seu/a interlocutor/a. Ela pareceu, também, não querer deixar dúvidas quanto ao que estava narrando.

Outros pontos a serem observados, ainda, é que, às vezes, Marlene Soccas demonstrou dificuldade em se lembrar de alguns eventos que considerávamos importantes para a pesquisa, então insistimos para que ela os lembrasse, bem como os seus esquecimentos. Devido a isso, houve a repetição, algumas vezes, das mesmas narrativas, e a sua insistência em narrar repetidas vezes lembranças que para ela provavelmente eram significativas.

No estudo da memória, deve-se levar em conta o “não dito”, pois ela não é composta apenas por lembranças, mas também por silêncios e esquecimentos. Conforme indica Giani Rabelo (2008, p. 34),

A memória não é neutra, pois ela é carregada de significados construídos a partir das experiências vivenciadas. Ela não é linear, o ontem e o hoje se entrecruzam constantemente, por isso a memória é uma leitura inacabada da realidade, de tal modo que a possibilidade de se trabalhar com a memória implica considerar não só as lembranças, mas também os esquecimentos, os silêncios e as palavras não ditas.

De acordo com Michael Pollak (1989, p. 8), “[...] as fronteiras desses silêncios e ‘não ditos’ com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento”. O autor afirma que o silêncio, muitas vezes, decorre da angústia de não ser escutado, de sofrer uma punição pelo que diz, ou de ser mal interpretado. Importante pensar até que ponto o esquecimento também não é uma forma de se silenciar diante de uma lembrança que não é bem-vinda ou é traumática.

Para compreender os esquecimentos, parece-nos que existe uma multiplicidade de fatores os quais podem explicá-los e que dentre eles se costuma incluir o fator idade. No entanto, Sara Teresa Pérez Moraes (1996), em seu artigo, intitulado “O emprego de relatos orais na pesquisa psicológica sobre a organização da memória autobiográfica em pessoas idosas” pontua que nas pesquisas realizadas para o seu estudo ela não encontrou consenso entre os pesquisadores no que diz respeito ao declínio da capacidade mnêmica com o avançar da idade.

No que diz respeito aos encontros, eles ocorreram, em sua maioria, aos sábados, nos horários mais adequados à disponibilidade da entrevistada. Raramente, as entrevistas iniciaram no horário marcado, pois Marlene Soccas costumava narrar um pouco sobre as suas atividades políticas e fazer análises relacionadas ao contexto político e social do Brasil. Embora durassem em torno de uma hora e meia a duas horas, a nossa permanência na residência de Marlene Soccas se deu em torno de quatro horas. Também realizamos mais de uma entrevista na mesma semana e percebemos que nesse formato de tempo Marlene Soccas conseguiu dar uma continuidade em sua narrativa de uma entrevista para outra.

Ao final de cada entrevista, sempre foi marcada a data do próximo encontro, mas, mesmo assim, entrávamos em contato, por telefone, na semana da data agendada, bem como

um dia antes, ou num turno anterior, para confirmarmos o horário. Lembramos que o/a pesquisador/a deve dar uma atenção especial às combinações de horários e datas realizadas com o/a entrevistado/a, para não lhe causar constrangimentos. Em uma ocasião, não realizamos a confirmação por telefone, como de costume, e Marlene Soccas não estava nos esperando quando chegamos à sua casa. Pareceu-nos que ela ficou um pouco envergonhada por ter esquecido o nosso encontro e que a entrevista não fluiu como nos outros dias.

Sobre a validade e a ética na pesquisa

Segundo Amado (1997), com o avanço do uso da história oral como metodologia, os pesquisadores que dela se utilizam são expostos a uma série de questões metodológicas, teóricas, técnicas e éticas. Dentre as questões éticas, a autora destaca a importância que se deve dar à relação entre pesquisadores e seus entrevistados. A autora ressalta que a ética deve estar presente em todos os trabalhos de pesquisa, independentemente de eles serem realizados com documentos ou com pessoas e que os “[...] procedimentos éticos servem para regular as relações entre os próprios historiadores, entre estes e suas fontes e entre estes e seus leitores” (AMADO, 1997, p. 146).

Para Janaína Amado (1997, p. 146), o trabalho de pesquisadores com testemunhos vivos, no entanto, implica em maior compromisso e responsabilidade, tendo em vista que “[...] tudo aquilo que escrever ou disser não apenas lançará luz sobre pessoas e personagens históricos, [...] mas trará consequências imediatas para as existências dos informantes e seus círculos profissionais”. A autora destaca que a publicação final das pesquisas pode trazer consequências benéficas para os entrevistados, como também pode prejudicá-los, bem como às pessoas dos seus círculos.

Conforme a autora, embora se argumente que os entrevistados narrem apenas o que desejam, o que reduz drasticamente a possibilidade de eles fazerem revelações que os prejudiquem, ou a outrem, existem alguns fatores que contribuem para que o contrário também ocorra. Ela destaca, por exemplo, que muitas vezes os entrevistados não conseguem controlar os seus discursos, deixando-se envolver por suas lembranças, em cujas evocações, às vezes, predominam o emocional e não o racional; que outros entrevistados se valem das entrevistas para “acertarem as contas” com pessoas do passado, fornecendo informações com o intuito de macular a imagem dessas pessoas; e, por fim, que algumas entrevistas, por

abordarem assuntos do cotidiano de forma prolongada, criam um “clima de intimidade” e possibilitam uma situação que propicia ao entrevistado falar da vida alheia (AMADO, 1997).

Amado (1997) aborda ainda que as relações pessoais criadas entre os pesquisadores e seus entrevistados é outra questão ética que deve ser observada na história oral. De acordo com ela, o entrevistador, por diversas vezes,

A [...] deixa-se envolver pelo ambiente das entrevistas, pelas histórias ali contadas, pela emoção das evocações, ‘esquecendo-se’ de representar o papel profissional normalmente atribuído a ele e criando fortes laços pessoais com os informantes, tanto de admiração, amizade e amor, quanto de antipatia, rejeição e mesmo de ódio (AMADO, 1997, p. 148).

Conforme a autora, esses laços pessoais refletem sobre o trabalho final, o qual tende a mostrar as falas de seu entrevistado de modo a favorecê-lo ou desfavorecê-lo. No caso específico do estudo em questão, compreendemos que “corremos o risco” de supervalorizar a nossa entrevistada Marlene Soccas, tanto em virtude do vínculo afetivo que criamos com ela, devido a tantos e tantos encontros, como por termos acompanhando-a por mais de um ano, quase como em uma pesquisa etnográfica, bem como pela sua trajetória de vida até a atualidade, a qual consideramos admirável.

Nesse período de mais de um ano em que a acompanhamos, Marlene Soccas envolveu-se em muitos movimentos e situações que reforçaram o seu posicionamento político e social, muitos deles dos quais participamos também. No princípio, não sabíamos muito bem como proceder. Pensávamos que teríamos que manter uma postura de distanciamento e imparcialidade e manter-nos o mais distante possível, mas, como somos seres humanos em uma relação entre humanos, percebemos que neste trabalho a neutralidade não seria possível. Percebemos, também, que a nossa relação de pesquisadoras com a entrevistada está atravessada por sentimentos de simpatia, empatia e admiração. No entanto, também entendemos que seria necessário, na análise, um exercício de distanciamento em relação à pessoa da Marlene Soccas e que isso se constituiu em um desafio constante durante as análises.

É importante ressaltar que nas pesquisas qualitativas, em cuja perspectiva este estudo se inseriu, entendemos a impossibilidade de uma posição neutra, asséptica, do/a pesquisador/a. Conforme Carmem Zeli de Vargas Gil (2012, p. 9), nesse tipo de pesquisa, a investigação “[...] é uma construção com implicações do investigador, um envolvimento que afasta a ilusão da distância, mas não o sentido crítico da pesquisa”, ou seja, mesmo que não

seja possível o total distanciamento entre o sujeito pesquisador e o sujeito da pesquisa, é necessário ater-se a procedimentos que auxiliem para que isso não afete sobremaneira o processo e o resultado final do estudo

Menga Lüdke e Marli André (1986, p. 51), referências importantes no tema pesquisa qualitativa, reconhecem, também, que é impossível “[...] separar os valores pessoais do processo de pesquisa [...]” e “[...] sugerem alguns cuidados especiais no sentido de controlar o efeito da subjetividade”. As autoras assinalam que uma das maneiras de ocorrer esse controle é a manifestação do pesquisador de seus pressupostos, valores e preconceitos, de forma que as pessoas possam julgar as suas implicações no desenvolvimento da pesquisa. Elas apontam, ainda, que, sempre que possível, o pesquisador deve explicitar ao leitor de que forma ele foi afetado pela pesquisa, expondo as mudanças, caso tenham ocorridas, em seus pressupostos, valores e julgamentos. Outra ação que ajuda no controle da subjetividade, segundo as autoras, é o esclarecimento, pelo pesquisador, dos critérios adotados para selecionar o seu *corpus*, e não outro, bem como elencar os motivos das escolhas de certas situações e não de outras.

Essa inevitável implicação do pesquisador em decorrência de sua relação com os sujeitos pesquisados suscita, segundo Lüdke e André (1986), algumas questões éticas. Uma delas refere-se à garantia de sigilo das informações. Em alguns casos, o pesquisador precisa assegurar o anonimato aos sujeitos pesquisados. Nesta pesquisa, não foi possível atender a esse quesito, pois, inclusive, o nome do sujeito da pesquisa, Marlene Soccas, consta no título do trabalho realizado. Sendo assim, no “Termo de Consentimento Livre Esclarecido” (TCLE), assinado por ela, consta a sua concordância com essa condição de não anonimato, e a sua ciência dos riscos que podem advir daí. No entanto, alguns nomes citados nas entrevistas, bem como algumas situações narradas que implicam outras pessoas e a própria narradora, foram/serão mantidos em sigilo e não estarão disponíveis para divulgação. Esses procedimentos vão ao encontro da observação realizada por Costa (2004, p. 292), segundo a qual “[...] lidar com as lembranças de algumas pessoas vivas [...] requer cautela e cuidado, pois, nem tudo é permitido revelar, principalmente quando uma revelação pode prejudicar a imagem da pessoa entrevistada”.

Para Lüdke e André (1986, p. 51), os “cuidados com a objetividade” devem ser observados porque eles refletem diretamente na validade da investigação. No que se refere à validade da pesquisa, as autoras, ao reportarem-se ao procedimento da observação,

assinalam a importância do uso da estratégia da “triangulação”, a qual se aplica, também, ao processo das entrevistas e à necessidade de se realizar uma análise mais objetiva da pesquisa.

No caso específico deste estudo, as entrevistas realizadas com Marlene Soccas foram “trianguladas” com outras fontes, tais como fotografias e documentos de seu arquivo pessoal – cartas escritas quando ela estava na prisão, documentos de sua trajetória escolar e um dos livros de sua autoria, intitulado “Meu querido Paulo”, já citado.

No cruzamento desses documentos, eles não foram comparados entre si em busca de uma fonte de informação mais fidedigna, mas foram cotejados. No que se refere ao cruzamento das informações obtidas em uma investigação, a partir de fontes diversificadas como a observação, as entrevistas e os documentos, Manuel Jacinto Sarmiento (2003, p. 156) propõe que o “[...] cruzamento permite realizar a triangulação [...]”, cujo ato metodológico “[...] visa esclarecer um determinado facto, acontecimento ou interpretação, a partir de três (ou mais) fontes, três tipos de dados ou três métodos diferentes”.

Para Sarmiento (2003, p. 157), esse procedimento metodológico é importante em uma investigação, pois “[...] impede que a unilateralidade de uma observação, ou de um depoimento ou ainda de um documento, se possa sobrepor à realidade, em todo o seu conjunto e complexidade”. Para ele, o cruzamento das informações, tendo como base outros documentos e outras perspectivas sobre a realidade, possibilita explicar o que “não converge” e confirmar com mais segurança “o que converge”. Ele acrescenta, também, que “[...] a triangulação permite detectar, sempre que ocorre a divergência entre os dados, um ponto de tensão, a contradição, a expressão de um modo singular de ser, ou de pensar e agir” (SARMENTO, 2003, p. 157).

Algumas considerações acerca do uso da história oral

Finalizando, ressaltamos que o uso da história oral como metodologia, neste estudo, resultou em uma dinâmica complexa e propulsora de grandes aprendizados. Na entrevista em história oral, “[...] há [...] uma vivacidade, um tom especial, característico de documentos pessoais. É da experiência de um sujeito que se trata” (ALBERTI, 2004, p. 14). No lugar do documento físico, lidamos com a pessoa viva, em “carne e osso”, aquela que testemunhou, que viveu, viu e ouviu, agora conta sobre o seu testemunho, escolhendo as cores de sua paleta, muitas vezes sem perceber que elas se modificam com a distância dos

acontecimentos e a partir do seu próprio estado no tempo presente. O/A entrevistador/a precisa, então, estar atento/a para compreender que há uma distância entre o que aconteceu e o que a pessoa se lembra do que aconteceu, isto é, entre o “vivido” e o “recordado”, conforme mencionado anteriormente por Amado (1996, p. 131). E, também, levar em conta as mediações da sua própria subjetividade e as nuances que existem entre o que “ouviu contar” (ALBERTI, 2004) e a sua interpretação do que foi contado.

Enfatizamos, ainda, a necessidade de que o projeto em história oral seja flexível, adaptando-se, no que for possível, à realidade do/a entrevistado/a, destacando-se a importância do respeito à sua individualidade, disponibilidade, ideias e a seus modos de lembrar, aspectos importantes para se estabelecer uma relação de confiança com o/a entrevistado/a.

Por fim, queremos registrar que a proximidade com Marlene Soccas, ao mesmo tempo que foi um desafio constante durante a análise, foi, também, uma grande riqueza por termos realizado uma pesquisa com uma pessoa viva, uma testemunha, que vivenciou, de modo peculiar, momentos históricos importantes da história do Brasil, com quem mantivemos uma interlocução durante todo o processo de investigação. De acordo com Bosi (2004, p. 71), “[...] as testemunhas dos fatos históricos são uma riqueza insubstituível”. Essa proximidade também possibilitou que tivéssemos acesso às lembranças e aos aspectos da vida de Marlene Soccas, que talvez de outro modo não teríamos.

Referências

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. São Paulo: FGV, 2005.

ALBERTI, V. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

AMADO, J. A culpa nossa de cada dia: ética e história oral. **Proj. História**, São Paulo, n. 15, p. 145-155, 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11225/8232>. Acesso em: 24 abr. 2018.

AMADO, J. O Grande Mentiroso: Tradição, Veracidade e imaginação em História Oral. **História**, São Paulo, n. 14, p. 125-136, 1996. Disponível em <http://bit.ly/2PC7GcV>. Acesso em: 21 mar. 2018.

AMADO, J.; FERREIRA, M.de M. Apresentação. In: AMADO, J.; FERREIRA, M.de M. (orgs.). **Usos & abusos da história oral**. 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. vii-xxv.

ARTIÈRES, P. Arquivar a Própria Vida. **Revista Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, 1998.

BONAZZI, C. de T. Arquivos: Propostas metodológicas. *In*: AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. (org.). **Usos & abusos da história oral**. 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 233-247.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**: lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

COSTA, M. de O. “Chamando a infância”: Registros e lembranças da E.R. Engenheiro Fiúza da Rocha-Criciúma-SC (1945-1946). *In*: ENCONTRO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 10., 2004, Gramado. **Anais [...]**. Gramado: ASPHE, 2004, p. 281-292.

GATTAZ, A. C. Lapidando a fala bruta: a textualização em história oral. *In*: MEIHY, J. C. S. B. (org.). **(Re) Introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996, p. 135-140.

GIL, C. Z. de V. Prefácio. *In*: STECANELA, N. (org.) **Diálogos com a educação**: a escolha do método e a identidade do pesquisador. Caixas do Sul: Educ, 2012, p. 9-14. *E-book*. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/ebook-dialogos-identidade-pesq.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2018.

GRAZIOTTIN, L. S. S.; ALMEIDA, D. B. **Romagem do tempo e recantos da memória**: reflexões metodológicas sobre História Oral. São Leopoldo: Oikos, 2012.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MORAES, S. T. P. O emprego de relatos orais na pesquisa psicológica sobre a organização da memória auto-biográfica em pessoas idosas. *In*: MEIHY, J. C. S. B. **(Re) introduzindo história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996, p. 118-133.

NÓVOA, A. Projeto Prosalus. *In*: NÓVOA, A.; FINGER, M. (org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal/RN: EDUFERN; São Paulo: Paulos, 2010, p.157-187.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <http://bit.ly/36UzyPI>. Acesso em: 1 ago. 2017.

RABELO, G. **Entre o hábito e o carvão**: pedagogias missionárias no sul de Santa Catarina na segunda metade do século XX. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SARMENTO, M. J. O estudo de caso etnográfico em educação. *In*: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P. de; VILELA, R. A. T. (orgs.). **Itinerários de pesquisa**: perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 138-179.

SCHMIDT, M. L. S.; MAHFOUD, M. Halbawchs: memória coletiva e experiência. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 4. n. 1-2, p. 285-298, 1993. Disponível em: <http://bit.ly/2sMnot6>. Acesso em: 15 set. 2019.

THOMSON, A. Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da história oral. *In*: ALBERTI, V.; FERNANDES, T. M.; FERREIRA, M. de M. (orgs.) **História oral**: desafios para o século XXI [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. 204p. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/2k2mb/pdf/ferreira-9788575412879.pdf>. Acesso em: 10 mar.2018.

ZAGO, N. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. *In*: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P. de; VILELA, R. A. T. (org.). **Itinerários de Pesquisa**: Perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 287-309.

Revisão gramatical realizada por: Margareth Maria Kanarek.

E-mail: teti.k@unesb.net

RECEBIDO 03 DE FEVEREIRO DE 2020.

APROVADO 20 DE AGOSTO DE 2020.